DIARIO DA BAHIA

ANNO XLVIII

TYPOGRAPHIA E REDACÇÃO—Praça Castro Alves, n. 101—Telephone n. 422

Assignaturas na Capital: Por semestre 11$000, anno 20$000
Fóra da Capital: Semestre 13$000, anno 24$000—Numero do dia 100 réis

Quinta-feira 2 de Julho de 1903

GERENTE—FRANCISCO ANTONIO GAYMMI

Publicações: 250 réis por linha ou ajuste. Annuncios: contracto
Agencia—Reis & C., Rua Cons. Dantas, 31—Numero atrazado 200 réis

N. 145

HOMENAGEM

AOS

Benemeritos da Patria e da Republica

1823 1891 1903

Salve, heroes!...

...sentimento da liber-
...nam de momentos
...criticos da nossa
...cia social produziu
...obra da inde-
...cia, immortalisada
...de 2 de julho de
...

...ente em toda a am-
...do movimento que
...avam, ou conduzi-
...por influencias ex-
...neas da indole, a
...de é que—no he-
...e no patriotismo
...ella geração vamos
...trar as nascentes
...individualisação na-
...al a se dilatarem em
...a extensão do nati-
...

...ando sobre aquelles
...s, que o presente
...deve esquecer, nem
...vel que se desva-
...em para o futuro, se
...ete o espirito da cri-
...independente, apura-
...grande verdade de
...—a emancipação dos
...os é um phenomeno
...tivo contra cuja exe-
...dade são impoten-
...as nidacias da ab-
...ção e os excessos
...pressores do absolu-
...

...tão, a falta de recur-
...nem as demasias da
...ção foram sufficientes
...retardar a evolução
...que se accentuavam
...energias do civismo
...a gratidão decantou
...a epopéa da alma
...onal.

...qui, por toda a parte
...argia que a existen-
...se fizesse sentir, se o
...das victorias não en-
...o hymno que em
...os de harmonia mo-
...os desampados
...Pirajá, Funil, Itapari-
...e Cabrito, os factos da
...ria patria registra-
...combates em que a
...ão da liberdade se
...va com a galhar-
...caracteristica dos po-
...destinados a se im-
...ao respeito interna-
...

...entes de 1823!!... se
...é dado fazer a invo-
...de vossa memoria
...um appello de esti-
...e de brio, será que,
...nome de vossos se-
...ios, pela verdade e o
...ordinario monumen-
...que cimentastes com
...ue e valor, audacia
...erseverança, a Provi-
...ia não faça desmere-
...nos descendentes de
...bravos cidadãos a fi-
...bra do civismo que nelles vibrava indomita e senhoril pela emancipação do povo.

Bravos soldados, cujo nome o povo respeita na tradição de veteranos de sua independencia, reliquias esparsas, diminutas e raras do «grande nada dos heróes» que nos emanciparam, salve! tres vezes salve!!!...

A lyra dos poetas pode emmudecer, e de suas cordas se não ouvirá, porventura, o echo daquelles hymnos febris que festejavam o sol de 2 de Julho!.. desapparecerá, talvez, o enthusiasmo que arrebatava velhos e moços nos transportes irreprimiveis da praça publica a se propagarem percuciente e vivazes dos palacios ás choupanas!!... tudo será possivel, quando se distenderem inertes ou egoistas os orgãos da iniciativa popular;... mas a verdade palpitante de nossa historia não desmerecerá; foram paginas escriptas com sangue em extraordinarios raptos de bravura! feitos sobrehumanos de inenarravel audacia!!... sacrificios espantosos de edificante fé no sentimento da liberdade!!!...

Salve! heroes de 1823: o presente é feitura do vosso exemplo, e na continuidade da evolução social o futuro não renegará as origens de vosso exemplo.

Salve! antepassados que serão sempre o orgulho da sua descendencia, cuja obra de individualidade nacional traz o cunho de feitos tão memoraveis.

Dupla commemoração

O dia de hoje, já de si memoravel nos fastos de nossa historia politica, tem o esplendor de sua gloria dilatado pela commemoração do 12º anniversario da Constituição do Estado, que o organisou sob os moldes republicanos federativos, cuja experiencia tem custado ao paiz dias trabalhosos, ora de desventura, ora de gloria, ás vezes de fundadas esperanças, de todos os choques, emfim, com que se faz a ascenção dos povos na espiral do progresso.

Commemorações como a de hoje são sempre gratas aos filhos de uma Nação, que sabe, mesmo na sequencia de erros funestos, pôr em relevo a nota accentuada do patriotismo, que nos dá a segurança da integridade territorial e do progresso de sua constituição politica, compativeis com o regimen da ordem e da liberdade civil, condições de florescencia da paz e civilisação dos povos.

O jubilo com que annualmente o povo bahiano saúda a aurora, que o sol de hoje illumina de gloriosos reflexos, cresce agora de ponto porque elle assiste á passagem desta data com o coração desannuviado de máos presagios, como espirito alentado pela confiança esperançosa nos destinos desta terra, onde primeiro se assignalaram os rebentos de nossa civilisação.

E' que á frente de sua administração o povo bahiano vê um dos filhos mais dignos da Bahia, pondo em contribuição todo o esforço de sua intelligencia, todas as energias de seu patriotismo, tantas vezes evidenciado em momentos difficeis da vida nacional, por desbravar o caminho que temos de percorrer na conquista dos grandes ideaes, capazes de inflammar a alma dos patriotas de 23 e illuminar a consciencia dos legisladores de 91.

Solidarios com o sentimento do povo bahiano, a elle endereçamos calorosas congratulações, no momento em que nossos corações pulsam de accentuado jubilo, e ao honrado e benemerito chefe do Estado apresentamos respeitosas saudações pela dupla commemoração de hoje, que, mais uma vez, põe em relevo o tradicional patriotismo da Bahia.

Labatut

Numa tarde de maio, a sós no Parque, puzemo-nos a olhar o Monumento de Dois de Julho. Todo elle resplandece nas linhas amplas e magnificas da Arte glorificadora. Esguio, varando o alto como uma haste colossal de estandarte de triumpho, pedestrando no relevo de suas inscripções, como a columna de Vendome, a historia de uma geração de semi-deuses, que enchem os fastos de nossa terra com uma idade de oiro de bravura e civismo, devia ter, pensamos, como um remate de nossa gratidão, não um bugre nú—de olhos em terra—sem a altivez selvagem do Tupinambá, mas a estatua de Labatut.

Devia ser o caruchêo do Monumento, apanhado em toda a sua estructura de cabo de guerra, que fez a apprendisagem da victoria á sombra dos pavilhões da aguia franceza e sob Napoleão—o grande, o bronze do organisador do Exercito da Liberdade.

E porque aquella hora de crepusculo enchia-nos o espirito da sombra excelsa dos que foram, ficamos horas e horas sob a tortura da recordação do grande general, que systematisou as energias dos legionarios da patria numa unidade formidavel de acção, que conduziu as mesnadas dos cruzados até os portos da Cidade, sem que lhe fosse dado commandar a hora das acclamações, da apotheose, como commandara os dias das refregas e de infortunio.

Tres mezes antes que o Exercito se desdobrasse no coração da Bahia, berço e templo de nossa raça, ensurdecido pelos *lo triumphe*, com as pontas das lanças, das espadas e com as boccas das espingardas infadas de flores, tres mezes antes que esta terra offerecesse o aspecto de Cidade dos Cezares, recebendo o Triumphador que voltava das Gallias, trazendo jungido ao seu carro de triumpho Vercingetorix—augusto e divinamente triste como um deus subjugado, o litigadeiro era preso no arampamento de Pirajá, apanhado de subito na trama de uma cilada, urdida na meia sombra das conspirações.

Passava da barraca do commando para o ambito de um estado-maior feito carcere, desapparecia dos conselhos dos officiaes, em que traçava com a sua visão superior de estrategico as marchas triumphaes, para o opprobrio de uma barra de conselho de guerra.

E agora, espoliado, com a espada que fulgira ao sol das batalhas, a um canto, não pisaria, como esse outro organisador do povo de Deus, a terra de Chanaan...

Narra assim um chronista a cerimonia da trasladação:

«Innumeravel multidão de povo conduziu a urna até o Arsenal de Marinha, a qual foi transportada por mar, em vapor até o Cabrito, e dahi á matriz de Pirajá, onde se acha. A solennidade desse funebre cortejo, a pompa e a magnificencia com que elle foi celebrado, o religioso respeito guardado pelo numeroso prestito, composto das primeiras autoridades e de pessoas de todas as classes da sociedade, trajando rigoroso luto, muito concorreu para a magestade e grandeza dessa piedosa demonstração de reconhecimento de um povo agradecido».

Bençãos á geração de 53, que se ajoelhou, assim, tomada de culto, celebrando o *Te-Deum* do amor, deante das cinzas de Labatut!

Contam ainda as chronicas que em 1859, d. Pedro II, com as suas regias mãos engrinaldou de flores o sarcophago do justo e do forte, beijando-lhe o marmore veneravel, em companhia de veteranos do Exercito Libertador.

O coração do filho de Pedro I, num rythmo de gratidão, pulsou ao pé do despojo augusto de um coração que vibrou de coragem e de heroismo pela obra de seu pae, começada em 7 de setembro e concluida em 2 de julho.

Antes de sua morte, quantas vezes, com os olhos d'alma, arrasados de tristeza, não reviu as paisagens da guerra: o exercito tiritando ao frio do inverno, de carnes envoltas em farrapos de fardas, sem provisões de bocca, mas prompto á primeira vóz... Sombra de inimigo que se projectasse numa curva de caminho, alarma que percutisse a soledade dos acampamentos, acordava naquella legião de homens, sem tedio, quasi nus, o heroismo... Surgia-lhes nas almas ousadas e amorosas a visão de heroes da patria ensilhoada, e a pelejas se ia sem receios, n'uma bravura de epopéa, não cedendo os guerrilheiros da liberdade aos agentes da recolonisação um palmo de muralha, um passo de terreno...

E revia tudo, de Cachoeira a Itaparica, Itaparica só, de pé, desbaratando as unidades de guerra do Madeira, e sob o panejamento do vexillo que elle lhe offerecera, para perpetuar o seu extraordinario feito naval.

Uma vez—Envolvam-me em Pirajá no mesmo pó que o sangue dos que morreram a meu lado ungiu e sagrou! pediu.

E em 4 de setembro de 1853 foram para ali transportados os seus restos e guardados num cinerario de marmore, piedosa offerenda de José Marcellino dos Santos, venerando e benemerito veterano da Independencia.

E não n'a pisou, porque só nove mezes após, em 9 de fevereiro de 1821, é que se lhe abriu a porta da prisão por sentença do Conselho de Guerra, na Côrte.

Ha alguma coisa da bondade eucharistica de um anjo nas almas de oiro dos heroes.

Aqui elle soffreu tanto... Abrolharam-lhe de ingratidões a estrada do triumpho, encarceraram-n'o, circumdaram-n'o de trevas quando cá fóra toda a cidade, a Bahia inteira resplandecia sob o baptismo do sol das glorificações; mas aqui tambem elle sentiu toda a doçura de nossa natureza, toda a infinita ternura da alma bahiana: Soldado de Bonaparte, apaixonou-se pela intrepidez e lealdade de nossos guerrilheiros, tão nobres, abnegados, tão fulgurantes de civismo! Commandara-os, commungara com elles o vialico do soffrimento... Amava-os muito e muito. Demais não foram elles, não foi a terra do Paraguassú—terra sagrada, que Deus fez das doçuras e dedicações de um coração de mãe para que podesse no seu regaço aconchegar a patria toda nos dias de miseria e de angustia, que o espoliara na partilha dos loiros á benemerencia...

E voltou para morrer aqui.

Um anno depois da trasladação, em 1854, um poeta—alma de rhapsodo, cantando e perpetuando as glorias de sua Ifeliade, dedicou-lhe este cantico:

—Aonde vão? Alli param. E de joelhos
Eil-os todos no chão. Habita cala-se
O clangor da trombeta. Deus! que é isto?!
Em derredor de um mausoléo sublime
Ajoelhada a phalange dos guerreiros!
Que restos tão queridos guarda a pedra
Do marmoreo padrão?! quem desses bravos
Merece tanto amor no horror da morte?!

O túmulo se abriu. Valto Earloso
Do imperterrito Cabo se alevanta.
Da cista pendurada sobre a lousa
A espada reluziu. Em pé no meio
Dos valentes irmãos o Heróe se eleva!
Lá soou o clarim. Eil-os já todos
Prestes nos seus postos. O nosso Bravo
E' aquelle General d'aquellas lactas
Batalhadas outr'ora. O nosso Bravo
Que ahi vae é Labatut—é o Soldado
Da liberdade que lactou na terra.
Por ella em toda parte é o Guerreiro
Que preferia morrer na terra amada
Tanto do peito seu, que no momento
Da agonia fatal pedia gemendo
Que seus ossos p'ra sempre descansassem
Alli em Pirajá—entre os Amigos
De armas no campo nú.

Oh! como é grande
Essa multidão de sentimentos nobres!
O General que jaz entre as reliquias
De seus caros soldados—os soldados
Que assim das sepulturas vão saltando
P'ra obedecer de novo á sua querida
Da General, na noite do sepulchro!

Deviamos ficar aqui nesta pagina do dr. Luiz Alvares dos Santos, que clarinêa como uma fanfarra marcial, echoando pelas almas adormecidas o nome do glorioso Espoliado, mas em nós a alma genuflexa soluça, sulcada de piedade, implorando pela hora da Justiça Suprema, clamando para que se perpetue senão no raso do Monumento, pelo menos em um nicho de altar civico o busto de Labatut.

Talvez em Pirajá, a esta hora, em que a Cidade acorda aqui para o culto dos heroes de 1823, não haja ao pé do cinerario delle, entre os carneiros tristes e abandonados da matriz, uma bocca diz-la o poema glorificador em honra aos semi-deus.

Talvez... e dóe! No entanto, foi elle quem accendeu e fez arder de patriotismo os corações dos libertadores como o sarçal biblico.

Por Labatut, de joelhos, neste dia! Assim seja.

HENRIQUE CANCIO.

Atravez da Historia

As homenagens prestadas hoje á memoria dos heróes de 23 são a resultante do amor tutelar do povo transmudado em culto pelos feitos que illustram o seu passado.

O Dois de Julho não exprime só a data mais brilhante dos fastos que illuminam a historia da Bahia, renascidos neste cinerario de reliquias sagradas, d'onde irradiam a preeminencia e o renome dos seus maiores. As lutas empenhadas na revide dos ideaes então florescentes não foram só a pedra de toque do valor e da bravura dos que se immolaram á causa santa da liberdade e do patriotismo.

A' tona desta vaga de tão heroicas recordações, refervendo na marulhada da nossa crença e virilidade civicas, ruge e rebrame o preia-mar espumoso das victorias que a Patria evoca e rememora, celebrando a integração da sua independencia com o ultimo golpe lançado nos poderes das Cortes Lusitanas.

Depois do grito do Ypiranga devia inflammar-se a ira tumultuaria da força que desvale o direito, da oppressão que mutila a liberdade, dilatando a esphera das aspirações patrioticas, emergentes do estado em que se achavam os negocios politicos do momento.

Estas aspirações para o triumpho dos nossos direitos, esposadas por toda a nação, recrudesceram aqui.

Do animo do povo, exaltado diante da attitude hostil da Corôa Lusitana, irromperam então os sentimentos da resistencia ao arbitrio e á tyrannia, encaminhados para o mesmo escopo, na elaboração dos principios de direito e de progresso que estabelecem, na vida das nacionalidades, a norma e a segurança das suas instituições e do seu florescimento.

Quilatada, pela essencia das idéas amuradas em torno das causas que as fizeram brotar do vigor herculeo dos seus proceres, esta resistencia deu logar ás lutas de 1823, em que a alma olympica da Bahia, pulsando na tempera infrangivel do seu heroismo, escoimou a nação dos males creados pelo jugo da politica do governo metropolitano, politica que se adornava com os arminhos da sua antiga nobreza para occultar o corpo onde ainda cicatrisavam as chagas da inquisição.

Dahi as victorias que prepararam o alvorecer das liberdades patrias, com a entrada das nossas forças nesta cidade e fuga das tropas do general Madeira para Portugal, destroçadas e perseguidas, deixando, no sulco das suas náos balouçadas no seio das ondas tempestuosas, a saudade do arbitrio exercido sobre os nossos direitos de povo, livre.

Exhumando hoje os fastos destas tradições grandiloquas de ensinamentos, onde o povo retempera e afina as suas virtudes e os seus actos, é que a Bahia exalça e glorifica a memoria dos bravos da sua independencia, santificados no baptismo de sangue da emancipação politica do territorio nacional.

E nesses feitos que ella revive, nesses triumphos que ella rememora e a sua historia constellam, repassados do amor que em nós floresce pelo culto deste passado de grandezas hellenicas, sentimos a larga benção da Patria desdobrar-se na fé dos que celebramos, nos altares deste berço de heróes, a missa branca do amor e do patriotismo.

Esta é a grande lição que nos ensina a historia, pela qual o espirito e a alma de um povo, na vasta vibração dos seus deveres civicos, perpetuam o culto dos martyres e glorificam a memoria dos antepassados.

ALFREDO DE MATTA.

Maria Quiteria

Ainda não vi na Bahia, em archivos e monumentos, uma effigie, um medalhão, qualquer signal de homenagem em honra de Maria Quiteria de Jesus, a legionaria das liberdades nacionaes, na guerra da Independencia.

E' uma figura com o brilho e fulgor dos paladinos do Castello da Torre de Garcia d'Avila, de onde partiu, com uma bravura de castellão medievo, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque com as suas aguerridas mesnadas para Pirajá.

Essa amazona póde hombrear com os heroes da Cachoeira.

A sua figura tem o mesmo destaque da figura gloriosa desse inclyto monge carmelita, frei José Maria Brunier, que apparece na historia bahiana, ao lado dos seus destimidos Couraças, revestido da meia luz de semi-deus que circumda o perfil do Presbytero de Carteia, da creação do Solitario de Val de Lobos.

Maria Quiteria, synthetisando na hora mais difficil de nossa historia a predistinação de Joanna d'Arc, parte de S. José dos Itapororocas. Entra em Cachoeira, vestida de homem. Verifica praça no regimento de artilharia, sendo transferida depois para o batalhão de «Caçadores Voluntarios do Principe.»

Ha nesta pagina, simples, deliciosamente meiga como os romances de S. Pierre, a mesma attitude epica da Virgem de Orleans, levando diante dos exercitos da França triumphantes o estandarte, que tinha por dizeres os nomes de Jesus, Maria e José.

A. Milton, que fez, com uma alta uncção de amor «ao ninho seu paterno», as Ephemerides Cachoeiranas, narra assim o formoso episodio:

«Por ordem datada de 28 de março de 1823, o conselho interino do governo da Bahia, com séde em Cachoeira, mandou fornecer a d. Maria Quiteria, que tinha então praça de cadete, dois saiotes de flanella, ou de outro panno equivalente, e uma fardeta de policia.

A 31 do mez e anno já citados, o mesmo conselho deu autorisação para se entregar á referida senhora uma espada tambem.

D. Maria Quiteria teve occasião de se collocar á frente de algumas dezenas de impavidas amazonas, para repellir e bater os soldados portuguezes, que procuravam effectuar um desembarque na fóz do Paraguassú. E, segundo informação do commandante em chefe do Exercito Pacificador, ministrada em officio de 21 de julho de 1823 ainda, d. Maria Quiteria tres vezes entrou em combate, e em toda a campanha se distinguiu por indizivel valor e intrepidez.»

Correia Garcia, que deixou nesta terra uma tradição invejavel de saber e civismo, no seu livro, «Historia da Independencia da Bahia», posthumamente editado, dá da extraordinaria guerreira este interessante detalhe:

«....A heroina Maria Quiteria de Jesus, que se achava na linha da frente com a sua companhia, alcançou uma trincheira, que escalou. Os seus camaradas, admirados de tanto valor, a auxiliaram tambem, fazendo ella dois prisioneiros, que desarmou e os recolheu ao acampamento brasileiro.

Essa mulher, ainda bem moça, filha de uma pobre, mas honesta familia do sertão, tinha a imaginação exaltada pelas leituras dos romances da Cavallaria andante; em consequencia do que abandonou a casa paterna e foi alistar-se na 1ª divisão da direita, onde praticou tais prodigios de valor, que foi nomeada alferes da 1.ª linha por Labatut, no campo de batalha: essa patente foi-lhe confirmada com o respectivo soldo, conferindo-lhe o Imperador a medalha do Cruzeiro, ordem creada para remunerar os benemeritos da guerra da Independencia da Bahia.»

Essa figura olympica não tem siquer um bocado de bronze, perpetuando-a, numa praça publica!

Seria muito pedir uma estatua, não pelo merito de Maria Quiteria, que a impõe, que a exige, mas porque, na hora presente, não ha grandes reservas para o custeamento de tão custosa homenagem.

No entanto, o que se póde fazer, com o carinhoso concurso das senhoras bahianas, é um medalhão para o sopé do Monumento 2 de Julho.

E' gentil, nobilissimo e ao alcance de todas as bolsas.

3—1—1903. H. C.

AOS QUE ENSINAM

Oh! bemdito o que semeia
Livros, livros a mão cheia
E manda o povo pensar.

C. ALVES.

No principio era a gandra esteril, nua;
A solidão do cerebro enervado,
Em que de longe nem sequer fluctúa
A razão em um raio illuminado.

Mas num *fiat* excelso e previdente
Cae abundante orvalho sobre a terra,
E de fecunda e turgida semente
Nasce a planta que o Bem no fructo encerra.

Era o Livro—essa enorme sementeira
Que a charneca de pampanos povôa,
E se espalhando pela terra inteira
Em colheita de luz desabotôa.

Ensinae, e fareis surgir a messe
De que haveis de formar vosso thesoiro;
Da ramaria basta que floresce
Brotam doces, formosos pomos de oiro.

A Honra, o Trabalho, a Paz, a Liberdade
São os fructos dessa arvore bemdita,
A cuja sombra, unida, a Humanidade
Se avigora, opulenta e nobilita.

O povo quer pensar, eu bem o escuto;
Oh! saciae-lhe a lidima vontade;
Dae-lhe a morder a polpa desse fructo
—Elle quer conhecer a Liberdade.

T. B.

Biblioteca Pública do Estado da Bahia
Subgerência de Periódicos - Setor de Periódicos Raros e Valiosos